

# EU, O DIABO E A ENCRUZILHADA

Riobaldo e a dimensão sagrada do pacto ou o pacto de ser\*

Fábio Galera

Para começo de conversa, é preciso apontar como epígrafe dessa apresentação um trecho do último parágrafo de *Grande Sertão:Veredas*, para que nós não sejamos todos acusados de testemunhar a favor de coisas profanas, ou de enaltecer uma dimensão maligna *da e para* a existência. Eis a epígrafe, que, de antemão irá dar uma direção para a interpretação que quero defender, acerca do título desta fala. Com a palavra, Riobaldo, encerrando sua narrativa:

Amável o senhor me ouviu, minha ideia confirmou: que o Diabo não existe. Pois não? O senhor é um homem soberano, circunspecto. Amigos somos. Nonada. O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia. (ROSA, 2006, p. 624)

Segundo a fala de Riobaldo, o diabo não existe. Embora a frase seguinte possa deixar ainda alguma dúvida, com a pergunta “pois não?” ao seu interlocutor, o narrador afirma a força e o poder de realização da existência humana, do homem humano, e não do diabo. Travessia é a palavra que aponta para a existência humana e não para o diabo. Portanto, não estou professando nenhuma seita diabólica, mas sim o que está dito, o que está previsto na fala de nosso narrador, na fala de Riobaldo. O que se defende aqui é justo e não mais que a exaltação do humano, do homem humano, da travessia do homem humano. Daí o acréscimo no título: *ou o pacto de ser*. O diabo não existe o que há, apenas, é o homem e sua humanidade, conquistada através do esforço decorrente da travessia. A propósito da palavra travessia, o Professor Eduardo F. Coutinho afirma que

---

\* Texto modificado da palestra apresentada no VII Colóquio Acontecimentos Poéticos – O sagrado em Movimento, na mesa-redonda intitulada “Profanações na Literatura”, no segundo semestre de 2016, evento realizado na Fundação Técnico-Educacional Souza Marques.

se no nível denotativo, o vocábulo se refere às andanças de Riobaldo pelo sertão, suas marchas e contramarchas em prol da causa dos jagunços, no plano conotativo ou simbólico, ele indica *o percurso existencial empreendido pelo personagem em busca do sentido das coisas e da condição humana*. A vida, no romance, é uma travessia, busca do conhecimento, processo de aprendizagem só interrompido na hora da morte, e cada passo dado pelo homem em seu caminho constitui um instante de risco que o coloca diante do mistério e do desconhecido. Daí a máxima de Riobaldo: ‘Viver é muito perigoso’. (COUTINHO, 2013, pp. 110-111)

É importante aqui destacar este sentido existencial, essa busca pelo sentido da vida e do homem que está constantemente postado no mistério e no desconhecido. Portanto, se houver algum diabo, ele será compreendido, será afirmado, será visto ou apontado a partir do próprio homem, dos “crespos do homem” como diz Riobaldo:

Viver é negócio muito perigoso...

Explico ao senhor: o diabo vive dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum! – é o que digo. (ROSA, 2006, p. 10)

Sendo assim, se formos falar da existência do diabo, devemos pensar em sua existência como sendo apenas vigente *no* próprio homem. O que nos obriga ainda a pensar numa desconstrução importante acerca do sentido da palavra diabo. Segundo o próprio Guimarães Rosa, em entrevista conduzida por Günter Lorenz, “o diabo pode ser vencido simplesmente porque existe o homem, a travessia para a solidão, que equivale ao infinito” (ROSA, 1991, p. 73). E ainda: “Apenas na solidão pode-se descobrir que o diabo não existe. E isto significa o infinito da felicidade” (ROSA, 1991, p. 73). Deste modo, o homem em sua humanidade é maior que o diabo. Etimologicamente, a palavra é formada por duas outras palavras gregas: *di* e *ballein*, que traduzidas literalmente significariam o lançamento no desconhecido.

Além de advertir os ouvidos que me ouvem acerca do âmbito a partir do qual estou tratando da questão do pacto de Riobaldo, ainda que esclarecendo pouco, por enquanto, é necessário antecipar o que será defendido nesta apresentação. Pretendo mostrar que o pacto de Riobaldo, ou supostamente o que foi o seu pacto com o diabo, no fundo, ganha o sentido de um pacto consigo mesmo. Riobaldo, quando passa a noite na Coruja, local onde está situado o “lugar demarcado” do pacto, a encruzilhada do pacto, quando passa a noite naquele lugar ele contrata, melhor, ele conquista a sua própria força, a sua própria coragem, o seu “rompante de grande coragem” (ROSA, 2006, p. 403), que o faz crescer sobre si mesmo e a partir de si mesmo. Quando Riobaldo ‘assina’ o pacto, ele ganha a si mesmo, ganha a sua segurança, a sua inteireza, a sua totalidade – ainda que essa totalidade seja marcada pela incompletude, quero dizer, marcada pelo por-fazer, pelo ainda-a-se-conquistar, o a-cada-vez-conquistar-e-

refazer próprio de toda e qualquer vida humana. Nesse ponto da narrativa, o por-fazer de Riobaldo será encontrar o bando do Hermógenes e do Ricardão.

Devido ao fato de eu pretender apenas ressaltar aqui a questão do sentido sagrado do pacto de Riobaldo, não será possível apresentar toda a estrutura da obra. Isso tomaria muito tempo e nos desviaria do que é urgente dizer. Apesar disso, para os que ainda não se aproximaram devidamente da obra, em pouquíssimas palavras o enredo de *Grande Sertão: Veredas* pode se afirmar como uma narração dos feitos e fatos que constituíram a vida de Riobaldo, bem como os fatos da vida daqueles jagunços que se relacionaram com ele no sertão. A obra trata das guerras de diferentes bandos de jagunços. Riobaldo exerceu um papel fundamental nessas guerras, pois somente ele conseguiu conduzir o bando e vingar a morte de Joca Ramiro. Somente Riobaldo foi capaz de chefiar o bando de jagunços ao qual estava vinculado e realizar tal objetivo. A esse respeito, o ponto da narrativa que nos interessa está situado no momento em que o chefe Zé Bebelo conduz o seu bando até a Coruja, o “retiro taperado” (ROSA, 2006, p. 401), no qual todos ficaram instalados por mais de mês.

Dito isto, podemos agora realizar uma análise do que ocorre no trecho demarcado, propriamente a passagem de *Grande Sertão: Veredas*, que descreve o que se conhece como a passagem do pacto de Riobaldo no interior da narrativa. O que eu chamo de episódio do pacto está situado entre as páginas 401 e 425 da minha edição da obra. Para a edição de 2001a, a passagem aparece entre as páginas 417 e 441. O que vou destacar nessa análise diz respeito ao que eu aponto como o motivo, a razão fundamental que levou Riobaldo a cometer aquele ato, ou melhor, o que o levou a se comprometer com aquilo, com a dimensão de pactário, ou seja, com a conquista de si mesmo. Alguns dados aqui serão importantes para a nossa compreensão. Em primeiro lugar, Zé Bebelo, o chefe do bando naquela época, antes do pacto, encarregado de encontrar o Hermógenes e o Ricardão, que haviam assassinado Joca Ramiro, pai de Diadorim, havia começado a ter medo. Esse é um ponto muito importante na narrativa. O medo e a coragem, essas duas paixões, melhor, disposições fundamentais, exercem um papel crucial nas ações que se desdobram na obra<sup>1</sup>. O medo, de modo geral pode paralisar as ações dos personagens, ou, se não paralisa, ao menos faz com que os personagens tenham “más ações estranhas” (ROSA, 2006, p. 100), ações que vem de fora, ações impróprias. Ao passo que a coragem empurra os personagens para frente, induz para ações de auto realização de si mesmo e auto conquista de si mesmo. Não vamos entrar aqui na relação de mútuo pertencimento que o medo e a coragem podem possuir, um gerando o outro. Sendo assim, na medida em que Zé Bebelo, chefe do bando, “pegou a principiar medo” (Ibid., p. 400), isso começa a desvirtuar todas as ações do bando. Zé Bebelo até então tinha se sustentado muito bem em sua coragem, “sempre se suprira certo de si, tendo tudo por seguro” (Ibid.), mas agora *bambeava*.

---

<sup>1</sup> Para uma melhor compreensão da questão das disposições operadas na obra, ver minha tese de doutoramento, publicada no banco de Teses do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da UFRJ, na área de Poética.

Zé Bebelo pegou a *doença* do medo, essa *malacaça*, como afirma Riobaldo. Ele agora estava *caipora*, azarado, infeliz em suas ações. Tudo o que ele falava e projetava para o destino dos jagunços liderados por ele, seus projetos todos eram *ralos*, minguados, e assumiam a qualidade de *faz-de-conta*. Assim, o medo que pegou em Zé Bebelo prejudicava o objetivo central das ações do bando, qual seja, vingar a morte de Joca Ramiro, principal antecessor de Zé Bebelo na chefia do bando.

Essa questão do medo era já uma pendência bem antiga para Riobaldo, pendência esta que aparece já no episódio da travessia do Rio São Francisco, quando ele ainda menino, conhece o também menino Diadorim – na verdade apenas *menino*, pois não sabia o seu nome verdadeiro, Reinaldo. Naquela ocasião, Riobaldo com medo de atravessar o rio numa canoa, afirma: “Tive medo. Sabe? Tudo foi isso: tive medo!” (Ibid., p. 105). E ainda: “Eu tinha o medo imediato” (Ibid.). Desde aquele momento, Diadorim já ressaltava a importância da coragem como contraponto e equilíbrio para o medo: “Carece de ter coragem. Carece de ter muita coragem...” (Ibid., pp. 108-109), sempre repetia, Diadorim. E numa outra passagem da sua narrativa, conclui Riobaldo: o que a vida “quer da gente é coragem” (Ibid., p. 318). Portanto, de um lado temos Zé Bebelo principiando a ter medo, e de outro, temos Riobaldo necessitando afirmar e testar sua coragem, o que ele chama de “acertar aquela fraqueza” (Ibid., p. 410). Desta forma, estão postas as melhores possibilidades para Riobaldo assumir a chefia do bando e resolver a sua antiga pendência.

Sendo assim, aponto como questão fundamental, como motivo fundamental para Riobaldo ter se tornado pactário, a *necessidade de conquistar a sua própria coragem*. Além dessa razão fundamentalmente existencial, podem ser apontadas também outras duas mais explícitas e que remontam a um sentido de ordem prática: 1. *reduzir* o Hermógenes; 2. conquistar o direito de casar com Otacília, purificando sua vida pregressa de jagunço.

Para que vocês possam julgar essa razão que estou apontando para o pacto, gostaria de destacar quatro passagens que indicam e justificam este sentido que estou defendendo. Tais passagens foram extraídas do episódio do pacto.

A primeira passagem diz respeito ao momento em que Riobaldo aceita o *intimado* de cumprir o seu destino. Conforme suas palavras,

Afora eu. Achado eu estava. A resolução final, que tomei em consciência. O aquilo. Ah, que – agora eu ia! Um tinha de estar por mim: o Pai do Mal, o Tendeiro, o Manfarro. Quem que não existe, o Solto-Eu, o Ele... Agora, por quê? Tem alguma ocasião diversa das outras? Declaro ao senhor: hora chegada. Eu ia. Porque eu estava sabendo – se não é que fosse naquela noite, nunca mais eu ia receber coragem de decisão. Senti esse intimado. (ROSA, 2006, p. 418)

Riobaldo, nesse ponto da narrativa reconhece o momento certo que deveria cumprir o destino de enfrentar o *Solto-Eu*. Ele *sente esse intimado*. Riobaldo está se

fiando na possibilidade da existência do diabo; isto é, ele ainda está no momento crucial da tomada de decisão, gravíssima, de vender a alma para o diabo em troca de poder e de ser capaz de “navegar por detrás das coisas...” (ROSA, 2006, p. 409), ou seja, circular e coexistir na dimensão do mistério da vida. Esse é o momento derradeiro, talvez o único momento em que poderia receber a *coragem de decisão* que possibilitaria esse enfrentamento, para realizar o acerto daquele sua fraqueza. O acerto da *fraqueza* é o enfrentamento de sua confrontação com o diabo, o *des-conhecido*, com o mistério da vida.

A próxima passagem narra a ação de Riobaldo, dirigindo-se para a sua concruz, sua encruzilhada, o local demarcado onde irá testar sua coragem, posto que a decisão já está tomada.

Eu caminhei para as Veredas-Mortas. Vareei a quissassa; depois, tinha um lance de capoeira. Um caminho cavado. Depois, era o cerrado mato; fui surgindo. Ali esvoaçavam as estopas eram uns caborés. E eu ia estudando tudo. Lugar meu tinha de ser a concruz dos caminhos. A noite viesse rodeando. Aí, friazinha. E escolher onde ficar. O que tinha de ser melhor debaixo dum pau-Cardoso – que na campina é verde e preto fortemente, e de ramos muito voantes, conforme o senhor sabe, como nenhuma outra árvore nomeada. Ainda melhor era a capa-rosa – porque no chão bem debaixo dela é que o Careca dança, e por isso ali fica um círculo de terra limpa, em que não cresce nem um fio de capim; e que por isso de capa-rosado-judeu nome toma. Não havia. A encruzilhada era pobre de qualidades dessas. Cheguei lá, a escuridão deu. Talentos de lua escondida. Medo? Bananeira treme de todo lado. (Ibid., p. 419)

O que matiza as ações dessa etapa refere-se à procura do local exato e sua disposição, seu humor. Caracterizado o seu estado de ânimo, o ânimo que deveria *acertar*, o medo, Riobaldo se fortalece em sua decisão, para fazer cumprir o que havia determinado para si mesmo. Ele precisava se suprir, se sustentar inteiro naquela vereda, naquele seu caminho, naquela concruz. Ainda na mesma passagem, será operada a mudança de humor, do medo, do tremor, pois o que determina a cena em que Riobaldo está inserido é puro medo:

Mas eu tirei de dentro de meu tremor as espantosas palavras. Eu fosse um homem novo em folha. Eu não queria escutar meus dentes. Desengasguei outras perguntas. Minha opinião não era de ferro? Eu podia cortar um cipó e me enforcar pelo pescoço, pendurado morrendo daqueles galhos: quem-é-que quem que me impedia?! Eu não ia temer. O que eu estava tendo era o medo que ele estava tendo de mim! Quem é que era o Demo, o Sempre-Sério, o Pai da Mentira? Ele não tinha carnes de comida da terra, não possuía sangue derramável. Viesse, viesse, vinha para me obedecer. Trato? Mas trato de iguais com iguais. Primeiro, eu era que dava a ordem. E ele vinha para supilar o ázimo do espírito da gente? Como podia? Eu era eu – mais mil vezes – que estava ali, querendo, próprio para afrontar relance tão desmarcado. Destes meus olhos esbarrarem num ror de nada. (Ibid.)

Esta passagem apresenta uma grande força existencial. Riobaldo se afirma maior que o Pai da Mentira. Acaso ele fosse aparecer, seria para obedecer Riobaldo. Nosso personagem se assenhora do seu eu, de sua decisão, de seu destino e se eleva a uma disposição de coragem, de grande coragem, que se mede com o desconhecido: ele era um eu; Riobaldo era ele mesmo, em si mesmo, *mais mil vezes*, mais mil vezes do que ele mesmo. Riobaldo é mais do que ele mesmo, mil vezes. Assim, fica dito um estado de transcendência de seu eu lançado integralmente na dimensão do mistério, do abismo da existência. Agora, Riobaldo passaria a ser um *homem novo*. Não sabemos ainda dizer de que tipo, de que jeito, mas novo, decidido, aberto para ser tocado pela possibilidade da coragem que a vida quer de todo e qualquer homem.

É nesse espírito que Riobaldo se lança, à espera dele, do Xu. Ele está esperando o diabo naquela encruzilhada, medindo suas forças com *Morcegão*. Se o diabo existisse, ele tinha de tomar pessoa. Agora nos encaminhamos para a terceira passagem, o terceiro movimento das transformações que estão se dando em Riobaldo. Temos agora o reforço de sua decisão e prova da existência ou não do diabo. Segundo sua narração,

Ele tinha que vir, se existisse. Naquela hora, existia. Tinha de vir, demorão ou jãão. Mas, em que formas? Chão de encruzilhada é posse dele, espojeiro de bestas na poeira rolaem. De repente, com um catrapuz de sinal, ou momenteiro com o silêncio das astúcias, ele podia se surgir para mim. Feito o Bode-Preto? O Morcegão? O Xu? E de um lugar – tão longe e perto de mim, das reformas do Inferno – ele já devia de estar me vigiando, o cão que me fareja. Como é possível se estar, desarmado de si, entregue ao que outro queira fazer, no se desmedir de tapados buracos e tomar pessoa? (Ibid., p. 420)

Se houvesse diabo algum, essa era a sua hora. Agora é a hora de aparecer, tomar pessoa e se remedir com o candidato a pactário. E nessa hora, porque tudo era para medo e tremor, ele não podia ter *arriação* de sua coragem.

Tudo era para sobrosso, para mais medo; ah, aí é que bate o ponto. E por isso eu não tinha licença de não me ser, não tinha os descansos do ar. A minha ideia não fraquejasse. Nem eu pensava em outras noções. Nem eu queria me lembrar de pertencências, e mesmo, de quase tudo quanto fosse diverso, eu já estava perdido provisório de lembrança; e da primeira razão, por qual era, que eu tinha comparecido ali. E, o que era que eu queria? Ah, acho que não queria mesmo nada, de tanto que eu queria só tudo. Uma coisa, a coisa, esta coisa: eu somente queria era – ficar sendo! (Ibid.)

Riobaldo estava tão envolvido com aquela provação de coragem, que ele era só entrega, só firmeza de propósito de se remedir com o diabo. Aquelas razões que foram apontadas anteriormente, a propósito do pacto, estão agora provisoriamente

esquecidas; Riobaldo não está mais pertencendo à razão alguma, a nenhuma razão além e aquém de seu propósito, melhor de seu querer. Nesse sentido, nessa força, nesse ânimo, ele está para além de si. O que é que ele queria, então, com tudo aquilo? Vejam que a resposta para essa pergunta, dada pelo próprio Riobaldo, é uma tremenda chave de compreensão. Ele queria apenas uma coisa, a coisa, a questão, o querer de sua vida: *ficar sendo!* Ficar inserido num modo de ser que é *ser no sendo*. Mas o que é isto, o sendo? O que é estar inserido nesse *sendo*? Podemos afirmar sem muita reflexão, para que uma resposta seja dada, que o *sendo* é a suprema dimensão de ser, o estado – se é que se pode falar disso como um estado – em que o homem pode se defrontar com a sua máxima possibilidade de ser, o seu ser mais radical, a sua liberdade mais extrema. Riobaldo queria com tudo aquilo era, apenas, ficar sendo.

Tudo isso é arrematado, fechado, firmado e confirmado, na passagem que indicarei agora.

Ao que não vinha – a lufa de um vendaval grande, com ele em trono, contravisto, sentado de estadela bem no centro. O que eu agora queria! Ah, acho que o que era meu, mas que o desconhecido era, duvidável. Eu queria ser mais do que eu. Ah, eu queria, eu podia. Carecia. “Deus ou o demo?” – sofri um velho pensar. Mas, como era que eu queria, de que jeito, que? Feito o arfo de meu ar, feito tudo: que eu então havia de achar melhor morrer duma vez, caso que aquilo agora para mim não fosse constituído. E em troca eu cedia às arras, tudo meu, tudo o mais – alma e palma, e desalma... Deus e o Demo! – “Acabar com o Hermógenes! Reduzir aquele homem!...” –; e isso figurei mais por precisar de firmar o espírito em formalidade de alguma razão. Do Hermógenes, mesmo, existido, eu mero me lembrava – feito ele fosse para mim uma criancinha molíçosa e mijona, em seus despropósitos, a formiguinha passeando por diante da gente – entre o pé e o pisado. Eu muxoxava. Espremia, p’r’ ali, amassava. Mas, Ele – o Dado, o Danado – sim: para se entestar comigo – eu mais forte do que o Ele; do que o pavor d’Ele – e lamber o chão e aceitar minhas ordens. Somei sensatez. Cobra antes de picar tem ódio algum? Não sobra momento. Cobra desfecha desferido, dá bote, se deu. A já que eu estava ali, eu queria, eu podia, eu ali ficava. Feito Ele. Nós dois, e tornopio do pé-devento – o ró-ró girado mundo a fora, no dobar, funil de final, desses redemoinhos: ... o Diabo, na rua, no meio do redemunho... Ah, ri; ele não. Ah – eu, eu, eu! “Deus ou o Demo – para o jagunço Riobaldo!” A pé firmado. Eu esperava, eh! De dentro do resumo, e do mundo em maior, aquela crista eu repuxei, toda, aquela firmeza me revestiu: fôlego de fôlego de fôlego – da mais-força, de maior-coragem. A que vem, tirada a mando, de setenta e setentas distâncias do profundo mesmo da gente. Como era que isso se passou? Naquela estação, eu nem sabia maiores havenças; eu, assim, eu espantava qualquer pássaro. (Ibid., pp. 421-422)

[...] eu estava bêbado de meu. [...] Remordi o ar:

– “Lúcifer! Lúcifer!...” – aí eu bramei, desengolindo.

Não. Nada. O que a noite tem é o vozeio dum ser-só [...]

– “Lúcifer! Satanáz!...”

Só outro silêncio. O senhor sabe o que o silêncio é? É a gente mesmo, demais.

– “Ei, Lúcifer! Satanáz, dos meus Infernos!”

Voz minha se estragasse, em mim tudo era cordas e cobras. E foi aí. Foi. Ele não existe, e não apareceu nem respondeu – que é um falso imaginado. Mas eu supri que ele tinha me ouvido. Me ouviu, a conforme a ciência da noite e o envir de espaços, que medeia. Como que adquirisse minhas palavras todas; fechou o arrocho do assunto. Ao que eu recebi de volta um adejo, um gozo de agarro, daí umas tranquilidades-de pancada. Lembrei dum rio que viesse adentro a casa de meu pai. Vi as asas. Arqueei o puxo do poder meu, naquele átimo. Aí podia ser mais? A peta, eu querer saldar: que isso não é falável. As coisas assim a gente mesmo não pega nem abarca. Cabem é no brilho da noite. Aragem do sagrado. Absolutas estrelas! (Ibid., pp. 421-422)

Para que a poesia presente nesta passagem que acabamos de ler não cesse, não se esvaia, vamos manter algumas explicações em silêncio, para o sagrado e a poesia ressoarem em cada leitor, em cada ouvinte. Não obstante, há perguntas, as *maiores perguntas*, valem ser enunciadas: De onde veio toda a sua coragem? Do profundo do seu eu? Do eu, meu, seu, “do profundo mesmo da gente”? Como? A partir do pacto? Como, se a outra parte não esteve presente? Houve pacto? Como adquiriu suas forças renovadas? Arquejando, respirando com ânsia o “puxo do poder”, naquele instante sagrado? Arquejando o puxo do poder até ficar mais forte do que o “Ele”? Riobaldo se revestiu de “fôlego de fôlego de fôlego – da mais-força, de maior-coragem”.

Para encerrar minha fala, vale lembrar o que está dito no conto *O espelho*, de Guimarães Rosa, a propósito do mistério, para que possamos aceitar o fato de *nada* ter acontecido no pacto – o que não significa que não aconteceu nada. Como diz o narrador: “Tudo, aliás, é a ponta de um mistério. Inclusive, os fatos. Ou a ausência deles. Duvida? Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo” (ROSA, 2001b, p. 119). Mas o que é um milagre? Milagre não é algo que se dá no âmbito da religião, no âmbito do sagrado? A propósito da dimensão sagrada do pacto, gostaria apenas de ressaltar um sentido possível para a questão do sagrado e assim, prometo deixar os senhores avaliarem e refletirem sobre o toque, sobre o tom sagrado do pacto, sobre o milagre e o mistério, se é que temos a permissão de pensar nestes termos, num *pacto com o diabo que seja sagrado*, que opere um milagre, pensar no contrato sagrado que foi assinado ou não, pois não há provas, não há fatos, há apenas mistério – o diabo não esteve presente, ainda que tenha ouvido Riobaldo (?). Segundo Igor Fagundes, poeta, ensaísta, professor etc.,



Difícilmente abordamos o sagrado fora do âmbito das religiões. O poético, no entanto, nomeia sua experiência originária: *a instância em que se testemunha vida como geração, passagem do não-ser ao ser*. (FAGUNDES, 2014, p. 215)

Pensando o sagrado como instância que favorece a apropriação do não-ser no ser, numa vigência – quem quiser pode chamar isso de milagre da existência – temos Riobaldo passando de mero jagunço, passando de pau mandado, recebedor de ordens, a chefe – esse fato, esse acontecimento será o desdobramento imediatamente posterior ao pacto, no interior da narrativa. Com o pacto, ao conquistar sua existência, assumindo as rédeas de sua vida, Riobaldo ganha também o direito de sua existência, assume o controle de sua vida. Assim, o pacto é entendido como algo sagrado. Sagrado porque Riobaldo passa a ser o que ele precisava ser, porque concretiza e realiza o seu ser enquanto necessidade de tornar vigente uma atividade, a ação de sua vida: a simples atividade de existir; sagrado porque *existir* passa a ser uma *obrigação* – divina se vocês quiserem. Riobaldo passa a assumir a obrigação divina de existir, porque existir é um dom, um presente, é divino, é uma dádiva; sagrado porque põe em seu caminho a tarefa, a responsabilidade de sustentar-se de pé sobre sua própria coragem – e medo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COUTINHO, Eduardo F. *Grande sertão: veredas*. Travessias. 1. ed. São Paulo: É Realizações, 2013. (Biblioteca Textos Fundamentais)
- FAGUNDES, Igor. Sagrado. In: CASTRO, Manuel Antônio de (Org.) et all. *Convite ao pensar*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014.
- LORENZ, Günter. Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo F. (Org.) *Guimarães Rosa: seleção de textos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. (Coleção Fortuna Crítica – 6)
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Grande sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001a.
- \_\_\_\_\_. O espelho. In: *Primeiras histórias*. 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001b.

### Fábio Galera

Doutor e Mestre em Ciência da Literatura (UFRJ), Mestre em Filosofia (UFF), licenciado em Letras e em Filosofia, especialista em Literatura Infante-juvenil (UNESA) e em Educação Especial (UNIRIO). Professor de Teoria da Literatura e Literatura Brasileira da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques – FTESM, além de coordenar o Curso de Letras na FTESM. Autor do livro *Caminho, Poética, Acontecimento* e coautor dos livros *Convite ao Pensar* e *O Educar Poético*.